

Uma crônica do encontro: Entrevista com Barbara Heliodora em 2007

Entrevista com Barbara Heliodora
concedida à Andrea Carvalho Stark

Para citar este artigo:

HELIODORA, Barbara; STARK, Andrea Carvalho. Uma crônica do encontro: Entrevista com Barbara Heliodora em 2007. [Entrevista concedida à Andrea Carvalho Stark]. **Urdimento** - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v.2, n.44, p.1-20, set. 2022.

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573102442022e0501>



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



Uma crônica do encontro: Entrevista com Barbara Heliadora em 2007

Andrea Carvalho Stark¹

Resumo

O presente texto é uma entrevista com a professora, tradutora e crítica teatral Barbara Heliadora (1923-2015) realizada presencialmente em sua casa no Rio de Janeiro, em fevereiro de 2007, para uma revista americana. A entrevista pautou temas sobre o teatro carioca de 2007, o ensino das artes cênicas na universidade e modos de produção. Entendemos que se trata de um documento histórico e sua publicação se torna um resgate da memória do teatro carioca/brasileiro no período entre séculos.

Palavras-chave: Barbara Heliadora. Crítica teatral. Século XX. Rio de Janeiro.

Chronicle of a meeting: Interview with Barbara Heliadora in 2007

Abstract

This text is an interview with the professor, translator, and theater critic Barbara Heliadora (1923-2015), held in person at her home in Rio de Janeiro, in February 2007, for an American magazine. The interview covered themes concerning theater in Rio de Janeiro in 2007, performing arts education at the university and modes of production. We consider that this is a historical document, and its publication is a rescue of the memory of the Rio de Janeiro/Brazilian theatre between centuries.

Keywords: Barbara Heliadora. Theatre criticism. 20th century. Rio de Janeiro.

¹ Andrea Carvalho Stark (Andrea Carvalho dos Santos) doutora em Literatura Comparada pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestra em Teatro e Cultura pela Escola de Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Graduada e licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).  andreacarvalhostark@yahoo.com
 <http://lattes.cnpq.br/4698779479662589>  <https://orcid.org/0000-0001-9774-8135>



Una crónica del encuentro: Entrevista a Barbara Heliodora en 2007²

Resumen

El presente texto es una entrevista a la profesora, traductora y crítica teatral Barbara Heliodora (1923 - 2015) realizada presencialmente en su casa en Rio de Janeiro, en febrero de 2007, para una revista estadounidense. La entrevista puso en pauta temas relacionados a la escena teatral carioca de 2007, la enseñanza de las artes escénicas en la educación superior y las formas de producción. Entendemos que se trata de un documento histórico y su publicación se convierte en una importante instancia para rescatar la memoria del teatro carioca/brasileño del periodo entre siglos.

Palabras-Clave: Barbara Heliodora. Crítica teatral. Siglo XX. Rio de Janeiro.

² Tradução do resumo, título e palavras-chave em espanhol pela professora e tradutora chilena Karen Basaure Guerrero, mestra e doutora em Letras pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), licenciada em Letras Hispanoamericanas pela Universidade Católica do Chile, professora avaliadora dos exames de proficiência para o Diploma de Español como Lengua Extranjera (DELE) do Instituto Cervantes (RJ – Brasil) de 2011 a 2016.



Barbara Heliodora



Fonte: <https://www.funarte.gov.br/teatro/funarte-lamenta-falecimento-de-barbara-heliodora/>

Barbara Heliodora foi a crítica de teatro mais respeitada e temida do Brasil no período entre final do século XX e início do XXI. Sua presença no teatro era um espetáculo à parte, nenhuma peça era a mesma e nenhuma plateia também. Sua crítica era aguardada com expectativa e também temor pelos artistas. Ela escrevia realmente o que pensava em um dos jornais de maior circulação no país, o jornal *O Globo* (RJ). Mas quem era aquela senhora de voz grave, alta e elegante além das críticas? E como e por que causava temor, revolta, expectativa e orgulho uma crítica de teatro de sua autoria publicada em jornal cotidiano? Imbuída desses



questionamentos e curiosidade, realizei a presente entrevista no dia 08 de fevereiro de 2007. Publicada em março do mesmo ano, na edição mensal da revista *online* americana *Scene4 International Magazine of Arts and Media*, a entrevista teve versões em português e inglês, sob os títulos *Encontrei-me com Barbara Heliodora e Interview with Barbara Heliodora*, respectivamente³. Entretanto, a publicação de ambas as versões não está mais disponível na revista há muitos anos, tornando-as inéditas. Pensando em um registro histórico, publicamos aqui a versão em português como forma de resgate da memória do teatro brasileiro através das lembranças, testemunho e ideias que Barbara Heliodora expôs nessa conversa bastante informal. Entre um texto e outro, nesse espaço de 15 anos, realizei uma revisão somente no que concerne à formatação e a pequenos ajustes de pontuação e nos textos das perguntas para melhor compreensão. Também incluí notas de rodapé e atualizei o texto de introdução, substituindo-o por este que busca situar a entrevista e realizar uma simbiose com o texto original. Barbara Heliodora faleceu em 10 de abril de 2015, no Rio de Janeiro, aos 91 anos.

Entrevistei Barbara Heliodora em sua casa no bairro do Cosme Velho, Rio de Janeiro, no ano em que ela completou 84 anos no dia 29 de agosto. Quando cheguei, não sabia por onde entrar naquele sobrado térreo antigo, extenso e imponente do Largo do Boticário, mas ela já me avistara e acenava com a mão. Não a vejo, só vejo a sua mão balançando de uma janela azul para me apontar a entrada, e ouço a sua voz dizendo “é ali, é ali!”. Encontrando a porta correta, ela abre, reclamando indignada sobre uma notícia que acabara de assistir na televisão, algo sobre política que eu não sabia, mas concordo sem dialogar, e sento em sua sala tão larga e cheia de signos.

³ A revista americana *Scene4 International Magazine of Arts and Media* [www.scene4.com], ISSN 1932-3603, é uma publicação online na qual eu mantive uma coluna mensal, entre 2005 e 2010, sobre teatro brasileiro. Os textos eram publicados em inglês e português.

Figura 2 – Andrea Carvalho Stark com Barbara Heliodora



Ligo o gravador digital e começo perguntando qual seria a sua primeira lembrança como espectadora de teatro. Ela que tanto viu.

A primeira não me lembro. Mas lembro-me bem de Dulcina [de Moraes] porque ela era ma-ra-vi-lho-sa.

Barbara Heliodora era filha do historiador Marcos Carneiro de Mendonça, que também foi importante goleiro do Fluminense, na década de 1920, e de Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça (1896-1971), uma mulher muito a frente de seu tempo, poetisa, escritora, ensaísta, tradutora de William Shakespeare, uma feminista envolvida em causas sociais e criadora da Casa do Estudante do Brasil ao lado de Paschoal Carlos Magno (1906-1980).

Sigo perguntando como era esse ambiente de família, e se seu nome foi dado em homenagem à poetisa mineira Barbara Heliodora, personagem histórico do século XVIII, sobre a qual sua mãe apresentou uma conferência para o Instituto Histórico Brasileiro na década de 1930.

Sim, esse nome horroroso! E ainda me registraram somente como Heliodora, só na minha família mesmo... Arte e livros eram o ambiente de nossa casa, mas nada era forçado.

[Barbara] Heliodora Carneiro de Mendonça é especialista apaixonada por Shakespeare e professora-doutora titular aposentada da Escola de Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Em seu currículo há também trabalhos como atriz e diretora de teatro, e diversos prêmios. Além da crítica ensaística e jornalística, Barbara se dedica hoje à tradução de teatro e realiza palestras no Brasil e no exterior.

Figura 3 - Barbara Heliodora cercada por Sérgio Britto, Tônia Carrero, Jacqueline Lawrence e Fernanda Montenegro na noite de lançamento do livro *Barbara Heliodora: Escritos sobre teatro*, organizado por Cláudia Braga, na Livraria Argumento (Leblon, Rio de Janeiro) em 23 de outubro de 2007. Foto: Andrea Carvalho Stark.





Crítica de teatro

Barbara Heliodora começou a escrever críticas de teatro em 1957 e no jornal *O Globo* desde 1990. Para ela:

A função da crítica jornalística é tentar identificar a proposta, o que se quis fazer e se conseguiu. A partir daí, procuro examinar o texto, o espetáculo, a direção e a interpretação.

Ela já inspirou a criação de um espetáculo. Na comédia escrita e dirigida por Henrique Tavares, em 2000, com a companhia de teatro *Quem são esses caras?*, um diretor fica irritadíssimo com a crítica de Barbara "Eleonora", que destruiu o seu espetáculo *Romeu e Julieta*. O diretor resolve sequestrar a tal Barbara, para que ela veja novamente – e com outros olhos – a mesma peça.

Pergunto a Barbara se ela assistiu à comédia *Barbara não lhe adora*:

Assisti, era ótimo, divertidíssimo.

Fez alguma crítica?

Não me lembro. Acho que fiz sem relacionar diretamente comigo. O enredo é muito bem armado, muito divertido.

Nem sempre a sua crítica inspira uma ótima comédia. Como você recebe e responde a algumas críticas às suas críticas?

Eu acho que todo mundo tem direito de dizer o que quiser. Eu não respondo. Responder pra quê? Geralmente não são críticas, são queixas. Cada um tem direito de dizer o que acha. Se eu digo o que penso, o outro pode dizer também. Não vou ficar doente por isso.



É difícil fazer crítica de teatro no Brasil em um jornal com a abrangência do *O Globo*?

É. E falar mal de um amigo? É terrível!!!

Mas não é bem “falar mal”... Há critérios.

Mas se é ruim, tem que falar mal! No sentido de condenar o trabalho, porém, com critério. Não digo simplesmente se é bom ou ruim. Se houve engano, digo que houve.

Mas será que uma crítica de Barbara Heliodora pode levar ou afastar público de um espetáculo?

Me disseram que não tiro público, mas que levo. Por exemplo, o Sérgio Britto me telefonou um dia e disse:

– Você tem que assistir a um espetáculo na rua do Mercado, *A Descoberta das Américas*.⁴

Fui, escrevi a crítica e se tornou um dos grandes sucessos do ano. Está em cartaz de novo no Teatro Leblon [Rio de Janeiro].

Você já pensou em fazer um livro reunindo suas críticas, especialmente as que você escreveu para jornal?

A professora Cláudia Braga se deu ao trabalho de ler todas as minhas críticas desde o tempo do *Jornal do Brasil*. Ela vai publicar um volume pela editora Perspectiva, em julho ou agosto. Diz ela que deu mais de 600 páginas, mas nem sei o que ela escolheu. Eu nem vi. Por mim mesma, eu nunca fiz nada em relação a isso.⁵

⁴ A “rua do Mercado” localiza-se na Praça XV, centro da cidade do Rio de Janeiro, e foi onde a peça *A Descoberta das Américas* (Johan Padan a la découverte de le Americhe), de Dario Fo, com Julio Adrião, fez sua estreia em um espaço chamado “Casa do Mercado 45”, na rua do Mercado, número 45, em 14 de setembro de 2005. Cf. *Jornal do Brasil* (RJ), Caderno B, 14 out. 2005, p. B6.

⁵ Trata-se do livro *Barbara Heliodora: Escritos sobre teatro*, organizado por Claudia Braga, publicado pela editora Perspectiva, e lançado em 2007.

Figura 4 - Barbara Heliodora na noite de lançamento do livro *Barbara Heliodora: Escritos sobre teatro*, organizado por Cláudia Braga, na Livraria Argumento (Leblon, Rio de Janeiro) em 23 de outubro de 2007. Foto: Andrea Carvalho Stark.



Você acha interessante esse registro?

Acho que não interessa a ninguém... [risos]. Mas ela quis, fez, arranjou o patrocínio, a editora, tudo.

O que você considera equivocado no teatro hoje em dia?

Auto-indulgência. Pessoas que colocam no palco coisas que não tem razão de ser, que não se sabe o porquê. O desrespeito ao público com coisas tão ruins. É o teatro deseducativo, da apelação barata, grosseira, chula. Isso me irrita muito.



Barbara entende a necessidade de vários tipos de teatro:

Há vários tipos de teatro válidos, ninguém vive de *Hamlet* sete dias por semana. As pessoas querem ver coisas diferentes. Todos vão ao teatro para se ver, ou seja, ver alguma coisa do mundo em que vive. As últimas vezes que o teatro pode ser considerado popular foi na Espanha no Século de Ouro e o Teatro Elizabetano, ao qual, realmente, todos da sociedade tinham acesso. Depois disso, houve uma separação entre o que era considerado mais sofisticado. Em uma sociedade multifacetada como a nossa, o teatro tem que atender a setores variados. Há um bom teatro comercial, há a boa comédia e há a coisa mal feita, sou contra o que deseduca, aquela coisa da gargalhada fácil. Se em 2007, ainda há frisson quando um ator diz um palavrão no palco, é porque esse palavrão está sendo mal usado, está fora do lugar para chamar atenção somente. Qualquer coisa dentro do contexto não chama tanta atenção...

E Barbara revela o "grande mistério do teatro", segundo ela, enfatizando a importância da recepção do público na apreciação da obra:

Para apreciar um bom teatro é preciso que se conheça teatro, que as pessoas estejam habituadas e possam apreciar a dificuldade que é fazer existir esse milagre teatral: transformar uma página escrita em um espetáculo em cena. Esse é o grande mistério do teatro. Só se pode apreciar um bom teatro quando se entende o que foi bem feito. Porque um grande jogo de futebol dá público e uma pelada não? Porque todos conhecem as regras do futebol! Então, se tal time é uma porcaria, não vale gastar dinheiro para assistir a uma pelada, mas, para um grande jogo, vale.

Além da recepção da plateia, Barbara também confere aos atores uma importância fundamental, não importando o papel: "O menor papel é tão importante quanto o maior. Todo mundo tem que saber o que está fazendo ali". Explica:

Se eu quero fazer sucesso e entro para chamar a atenção, eu destruo o



espetáculo e não consigo nada depois. Cada um tem sua contribuição exata. O teatro não é só marcação, nem só cenografia, nem texto. As melhores fases do teatro são aquelas em que todas as linguagens encontraram seu equilíbrio. Isso é o que eu acho importante porque uma peça, mesmo de Shakespeare, é uma partitura musical, aquilo não foi feito para ser lido, foi feito para ser visto no palco. O texto contém em si indicações sobre o que se deve fazer no palco, foi feito faltando um pedaço que será a contribuição do espetáculo. Isso é o milagre, a coisa maravilhosa que o teatro é: poder ver uma página escrita se transformando em espetáculo.

Você acha que uma certa “fantasia” sobre “aparecer” na televisão pode levar a um aumento no número de atores/atrizes?

Tem muita gente querendo fazer teatro, mas o que se quer mesmo é ir para a televisão. Dizem que a TV invadiu o teatro, e eu sempre digo o seguinte: antigamente as famílias moravam todas juntas, então, um jovem casal com filho pequeno, se quisesse sair de casa, tinha sempre uma prima, uma tia, uma avó para ficar com as crianças. Hoje é tudo unicelular. Um casal que está começando a vida, não tem dinheiro para pagar uma babá, é coisa cara. A televisão é o entretenimento possível para a família hoje.

É a famosa babá eletrônica...

Babá dos adultos também. É a possibilidade de se ter um entretenimento em casa, com DVD, então, agora... Se não fosse isso, a televisão não teria tanta força assim.

Qualquer um pode ser ator/atriz?

Não, de jeito nenhum. Qualquer um pode ter chance em cinema e em televisão porque são muito mais artes de diretor. Há um exemplo clássico: Vivian Leigh, uma extraordinária atriz de cinema e uma medíocre atriz de teatro que tinha crises nervosas e foi a loucura, pois se casou com Lawrence



Olivier e se viu moralmente obrigada a fazer textos muito acima do seu talento. Mas, no cinema, ela podia fazer o que queria, podia errar cem vezes. Na televisão e no cinema, o diretor tem outro poder sobre o que é visto. No teatro, ele tem uma função importantíssima, mas em cena é o ator quem executa, sem o apoio do "corta-repete". E é ele quem tem que fazer o arco do personagem da primeira à última cena. Cinema se começa pelo meio para ninguém ver que o ator ainda não está bem incorporado ao personagem.

Você acompanha a produção teatral fora do Rio de Janeiro?

Na medida do possível, mas o país é muito grande. Não dá. Não há sequer uma revista de teatro no Brasil que nos dê notícia do que acontece. Às vezes, temos alguma peça do Paraná, de Brasília, da Bahia. Dizer que acompanho o movimento não é verdade.

O teatro carioca começou o ano com uma temporada bastante interessante de estreias diversas. Como foi acompanhar tantas peças? O que você destacaria?

Foi exaustivo. Eu vi vinte e duas peças em um mês. Teve algumas coisas boas. Gostei muito de uma sobre a história de um capoeira, muito bom, *Besouro Cordão de Ouro*. *Sassaricando* é ótimo! *Dá um jeitinho aí* é uma coisa comovente, do Rogerio Blat e Ernesto Piccolo, cinquenta e nove atores em cena. Tem a peça da Clarice Niskier, apesar de ser do ano passado, *A Alma Imoral*, que é uma beleza. Foi tanta coisa..."⁶

Qual o balanço que você faz?

Vi menos coisas absolutamente ruins, muitas coisas boas e poucas coisas ruins...

⁶ A temporada teatral carioca de 2007, que se iniciou em janeiro, levou aos palcos da cidade 30 espetáculos, concomitantemente, dos mais variados gêneros, entre estreias e reestrais. Cf. Carlos Braga, Em cena, o teatro. *Jornal do Brasil*, Programa, Rio de Janeiro, 12 a 18 jan. 2007, p.36-41.



Houve algum tempo em que foi mais fácil viver de teatro no Brasil? Haveria hoje uma contingência para isso como na época das grandes companhias de teatro?

Economicamente, não se pode ter mais uma companhia, como tinha Dulcina [de Moraes], por exemplo. Quando em uma peça não havia papel para determinado ator, ele ficava recebendo. Isso acabou. Hoje em dia a produção ficou muito cara e, é claro, os atores têm que receber, mas o custo da produção e o impraticável custo da publicidade dificultam tudo. A publicidade é o pior, o seu custo é igual ao custo da produção, uma fortuna! Não temos no Brasil a tradição anglo-americana do investidor no teatro. Se você compra uma cota do *Fantasma da Ópera*, você está feito na vida. No Brasil, se fica dependendo do governo... Toda a produção na Inglaterra e nos Estados Unidos é por meio de uma Sociedade Anônima que vende cotas, então, se pode investir em uma peça. Com dinheiro, há mais chances de se fazer um bom espetáculo. O risco diminui se você tiver mais condições. Se a sua proposta é ter o Lawrence Olivier no primeiro papel, acaba tendo que fazer com o 'Joãozinho' porque não tem dinheiro, então, o espetáculo todo vai depender não de um grande ator, mas de um ator medíocre, vai ter um cenário e um elenco medíocres. É claro que as chances de sucesso serão menores. Sempre fui contra o patrocínio a fundo perdido. Fico chocada com o dinheiro que está sendo posto nos programas, porque não dão esse dinheiro para os atores? Ou mesmo para a produção? O espetáculo pode ser a maior porcaria do mundo mas tem um programa de seis cores em papel couchê! O que é isso? É porque tem dinheiro do governo que é de graça!

Barbara critica ainda os modos de produção no teatro hoje:

Uma pena é o que está acontecendo com um espetáculo como *O Marido Ideal*, uma comédia de Oscar Wilde. Uma glória!! Como todos os teatros viraram supermercados, tem uma gaveta de sete horas, de nove horas, às vezes, de onze horas... Nesse espetáculo, a cenografia está sendo prejudicada



porque tem que sair rápido para montar a do espetáculo seguinte. Figurinos divinos de Kalma Murtinho, dirigido pelo Peralta, com atuações maravilhosas de Herson Capri, Edwin Luisi, Jacqueline Lawrence, Lafayette Galvão... Uma comédia inteligente, todo mundo dá o tempo para o público aproveitar a piada, e não pode ficar mais em cartaz porque o teatro já alugou a pauta para outro espetáculo! Ninguém consegue fazer carreira. Esse espetáculo vai sair de cartaz para dar lugar a Deus sabe o quê! É uma vergonha essa correria, tudo virou supermercado.⁷

Ensino de teatro

Professora aposentada da UNIRIO, Barbara Heliodora acompanhou e trabalhou na implantação do ensino universitário na área das Artes Cênicas em nível de graduação e pós-graduação. **E confessa que se sente arrependida devido aos rumos que tomou o ensino de teatro na universidade.**

Fui professora de história do teatro e de crítica. Dei aula de interpretação também nos tempos do conservatório. Mas confesso que desde que eu saí da UNIRIO, nunca mais voltei, porque tenho a pior impressão das pessoas que estão ensinando interpretação lá. Me arrependi muito de ter lutado, eu acho que deveria ter ficado em conservatório. Hoje em dia todo mundo tem que ter titulação. Há gente ensinando sem nunca ter pisado num palco. O Ministério da Educação se recusa a compreender que o ensino das artes tem que ser diferente do ensino das ciências exatas. Nos Estados Unidos, que é o paraíso do PhD, na área de Artes ninguém precisa ter mais do que mestrado! Se você faz um mestrado em violino, o que você vai fazer de doutoramento em violino? Se o interesse é áreas como Musicologia, História e Teoria do Teatro, tudo bem. Quando eu comecei a reformar o conservatório, chamei o Gianni Rato, Henrique Oscar, uma porção de gente de teatro para dar aula. Maria Clara Machado já era de lá. Foi época de alunos como Marco Nanini e

⁷ Trata-se da montagem da peça *Um marido ideal* (An ideal husband), de Oscar Wilde, com tradução de Miguel Falabella, direção de Victor Garcia Peralta, e com elenco formado por Herson Capri, Jacqueline Lawrence, Lafayette Galvão, Edwin Luisi, Silvia Pfeiffer, Bianca Byngton e Larissa Bracher, que estreou no Teatro Leblon (Rio de Janeiro) em 12 de janeiro de 2007. Cf. *Jornal do Brasil* (RJ), Caderno B, 4 jan. 2007, p. B3.



Pedro Paulo Rangel. O que esses titulados vão ensinar realmente a um ator? Que experiência eles têm? Não sabem, são inexperientes, não sabem o fundamental: tirar o melhor que um ator pode dar. Um diretor que não sabe, manda fazer e não sabe consertar, marca e acabou. Eu acho isso uma coisa trágica e horrorosa, não poder trazer gente de teatro para dar aula. Hoje em dia, você não consegue trazer um professor visitante para dar aula... Um bom conservatório, onde você possa trazer professores sem titulação, seria melhor. Uma vez, conversando com o diretor da *Royal Academy of Music*, que é um conservatório, perguntei que titulação ele pedia para um professor de violino. Ele disse: se ele souber tocar violino pode ser analfabeto. O que importa é ele saber tocar e transmitir o conhecimento. Aqui tem que fazer um currículo enorme, cheio de teoria, e, no fim, não se sabe fazer nada.

Então você não aconselharia a um jovem, que quer ser ator, ingressar em uma universidade?

Como a legislação prevê formação de ator em nível superior ou médio, melhor ir para a CAL [Casa de Artes de Laranjeiras]⁸ do que para a UNIRIO.

E a Martins Penna?⁹

Costumava ser um caos. Antigamente tínhamos *O Tablado*, mas, sem a Maria Clara Machado, eu não acredito mais.¹⁰

⁸ A Casa de Artes de Laranjeiras (CAL) é uma tradicional escola de teatro privada, de nível técnico localizada no bairro de Laranjeiras, zona sul do Rio de Janeiro.

⁹ A Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Penna (ETETMP/FAETEC) atualmente pertence à rede de ensino técnico da Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro (Faetec/RJ), ligada à Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro. A Martins Penna é a primeira escola pública de teatro do Brasil e foi fundada em 1908. Oferece o curso regular de formação técnica para atores, e ainda é a única opção para esse tipo de formação de forma pública e gratuita no Rio de Janeiro.

¹⁰ O Tablado é uma escola de formação de atores, fundada em 1951, localizada no bairro da Lagoa, zona sul do Rio de Janeiro. É uma escola particular que oferece cursos livres de formação para crianças, adolescentes e adultos. Maria Clara Machado (1921-2001) foi uma das fundadoras da escola, e ainda reconhecida como importante dramaturga brasileira para o teatro da infância, além de professora de teatro e diretora.



Biblioteca, música, literatura

Além do teatro, Barbara Heliodora tem outros interesses. Música clássica e ópera são alguns.

Soube que você é uma apreciadora de música clássica...

Sim, vou muito a concertos, gosto muito de assistir às orquestras. Vou sempre que posso.

E literatura? Você lê romances?

Não leio muito romance. Li *Guerra e Paz*, acho lindo!!! Leio romance policial para relaxar antes de dormir. *La recherche du temps perdu* não consegui ler, dizem que depois melhora, mas eu não consegui sair do primeiro capítulo. Quando começam as descrições típicas do romance, eu não consigo acompanhar. Estou muito acostumada à leitura de teatro, de maneira que não consigo ler romance.¹¹

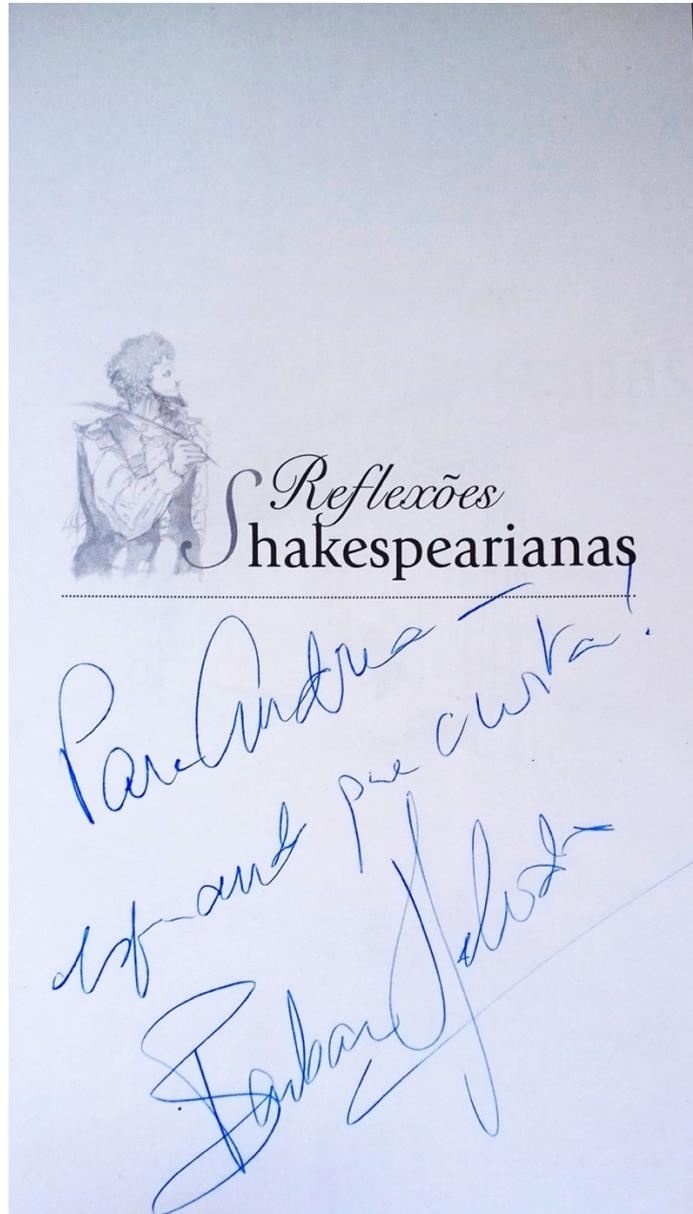
O seu site é muito interessante, fonte de pesquisa para qualquer pesquisador do teatro. Como você lida com esse mundo de computadores, e-mail, Internet?¹²

O site foi feito pela minha filha. Uso o computador como máquina de escrever. Não fico navegando. Recebo e respondo *e-mails*, mando minhas críticas para *O Globo* por *e-mail* também.

¹¹ *Guerra e Paz* de Liev Tolstói e *Em busca do tempo perdido* (La recherche du temps perdu) de Marcel Proust.

¹² Infelizmente esse site, que se hospedava no endereço www.barbaraheliodora.com, não se encontra mais disponível hoje (abril de 2022).

Figura 4 – O livro *Reflexões Shakespearianas* autografado.
Foto: Andrea Carvalho Stark



Barbara me convida para ver seus livros, e me oferta com um de sua autoria: *Reflexões Shakespearianas* (Lacerda Editores, 2004). Sua biblioteca é majestosa, decorada com muitas fotos de família, gravuras de Ana Letycia, desenhos de sua filha Helen Potter, uma maquete do The Globe,¹³ máscaras teatrais, lembranças de

¹³ "The Globe", "Globe Theatre" foi um teatro construído em 1599, em Londres, reconstruído e reinaugurado

viagem e pessoas que levaríamos uma vida inteira para explorar. Um pouco, ao menos, conseguimos. Em um encontro muito prazeroso, acredito que desvelamos um dos sentimentos originários dessa senhora tão popular e polêmica: **uma paixão enorme pelo teatro que é o lugar onde nós nos encontramos.**

Figura 5 - A biblioteca de Barbara Heliodora no dia de nossa entrevista (8 de fevereiro de 2007). Foto: Andrea Carvalho Stark



em 1996 em local próximo ao original. Foi o palco das peças de William Shakespeare.



Peças que Barbara Heliodora citou nesta entrevista

Besouro Cordão de Ouro – Texto de Paulo Cesar Pinheiro, direção de João Neves, direção musical de Luciana Rabello. Com Ana Paula Black, Cridemar Aquino, Iléia Ferraz, Raphael Sil, William de Paula, Wilson Rabello, Mauricio Tizumba e Sergio Perere.

Sassaricando. E o Rio inventou a Marchinha – Texto de Sérgio Cabral e Rosa Maria Araújo, direção de Claudio Botelho, direção musical de Luiz Felipe de Lima. Com Eduardo Dussek, Soraya Ravenle, Sabrina Korgut, Juliana Diniz, Pedro Paulo Malta e Alfredo Del Penho.

Barbara não lhe adora – Texto e direção de Henrique Tavares. Com Charles Paraventi, Carla Faour, Antonio Fragoso, Marcelo Capobianco, Flavia Fafiaes, Ana Paula Abreu.

A Descoberta das Américas (Johan Padan a la descoberta de le Americhe) – Texto de Dario Fo, tradução e adaptação de Alessandra Vanucci e Júlio Adrião, direção de Alessandra Vanucci. Com Júlio Adrião.

Dá um jeitinho aí! – Texto de Rogério Blat, direção de Ernesto Piccolo. Com os atores e atrizes da Oficina de Interpretação da ONG Palco Social.

Um marido ideal (An ideal husband) – Texto de Oscar Wilde, tradução de Miguel Falabella, direção de Victor Garcia Peralta. Com Herson Capri, Jacqueline Lawrence, Lafayette Galvão, Edwin Luisi, Silvia Pfeiffer, Bianca Byngton e Larissa Bracher.

A Alma Imoral – Texto de Nilton Bonder, adaptado por Clarice Niskier, supervisão de direção por Amir Haddad. Com Clarice Niskier.

Recebido em: 13/04/2022
Aprovado em: 04/05/2022

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT
Centro de Arte – CEART
Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas
Urdimento.ceart@udesc.br